Spártacus

Ano I — Numero 21 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 20 de Dezembro de 1919

O Congresso de Abril

Em meados deste ano cogitou a Federação dos Trabalhadores da realização de um congresso nacional operario, e nesse sentido chegou mesmo a enviar convite ás associações de todo o Brazil, marcando o mez de novembro para a reunião, nesta cidade, da grande assembléa. Mas surgiram, por essa ocasião, as perseguições policiaes, e os trabalhos de organização e preparo, já encetados, foram suspensos. Agoro, de novo normalizada a actividade da sua comissão federal, voltou a Federação a tratar do assunto. Nova circular, aqui publicada no *Spártacus*, foi enviada aos sindicatos e uniões dos Estados, exhortando-os a deliberações urgentes no estudo das questões a serem ventiladas no congresso, bem como sobre a maneira e as possibilidades de representação. Explicadas as causas determinantes do adiamento forçado da reunião do congresso, a Federação marcou nova data: abril proximo. São pois quatro mezes de prazo, suficientes, desde que as organizações convidadas tomem imediatamente as providencias requeridas.

Sobre a urgencia e a necessidade do congresso, creio não haverá, em todo o Brazil, duas opiniões. Os problemas avultam, com os graves relevos consequentes da guerra burgueza, e reclamam soluções amplas e inadiaveis. E dentre eles, como frisava justamente a referida circular, sobresai o da sistematização e unificação dos organismos de classe existentes e por existirem.

As lutas sociaes, entre nós, vão assumindo proporções sérias e agudas, ao compasso da luta internacional do proletariado contra a plutocracia. Ora, sem uma solida e eficiente organização de todas as classes obreiras do Brazil, das cidades grandes e pequenas como tambem dos campos, essas lutas serão sempre travadas entre contendores desiguaes, com evidente e dolorosa inferioridade do proletariado. Observa-se ainda que a burguezia capitalista e patronal, que tem ao seu dispôr todo o aperelhamento compressor do Estado, não satisfeita com a superioridade em que se acha abroquelada, e prevendo ao mesmo tempo o despertar da consciencia operaria brazileira, aumenta a sua força, forja novos meios de combate e ensaia mesmo o esmagamento preliminar do adversario. As perseguições, as deportações, as leis celeradas, as infamias de agora não têm outra significação, nem outro intuito... O proletariado tem que operar, desde já, um movimento paralelo, cuja base fundamental será a organização, sistematica e unificada, de todas as classes.

A hora não admite tergiversações. E como é a força que tudo decide, só uma orientação tem o proletariado a seguir, si quer vencer: tornar-se mais forte. Mais forte pela união, pela organização.

Astrojildo Pereira.

"Doze provas da inexistencia de Deus"

Dispomos ainda de alguns centos desta ótima brochura de propaganda anti-religiosa, de Sebastião Faure, e resolvemos facilitar a sua divulgação, reduzindo a um preço minimo a venda de cada cento — 15$000. E' um folheto de 400 réis o exemplar, caprichosamente impresso em excelente papel, com uma capa desenhada especialmente por Miguel Capplonch.

Só atenderemos pedidos que vierem acompanhados da respectiva importancia.

Com os olhos na epopéa

Trasladamos de A BATALHA, de Lisboa, o seguinte artigo de Neno Vasco, redactor do importante diario dos trabalhadores portuguezes. Neno Vasco, nosso velho amigo, é suficientemente conhecido e estimado em todo o Brazil libertario, e não necessitamos recomendar a leitura do seu artigo. Fique este como palavra de segura orientação para todos nós que acompanhamos, entre entusiastas e angustiados, o desenvolvimento da Revolução Russa.

As plutocracias dirigem neste momento contra a revolução a triplice ofensiva geral das armas, da fome e do aleive, antes que se congelem as aguas do inverno e se caldeiem pelo mundo os vulcões da solidariedade proletaria.

Em vão William Bullitt, enviado discreto dos governos anglo-saxonios, traz da Russia um relatorio que só poderia inquietar aqueles que anelam para a revolução todo o seu amplo desenvolvimento socialista e libertario.

A burguezia mundial não desconta á revolução russa as tendencias moderadas, contemporizadoras, burocraticas da fração predominante de Lénine.

Porque ela vê na grande convulsão social mais o seu poder de irradiação do que o seu valor intrinseco imediato.

E' preciso destruir o exemplo antes que ele frutifique, apagar o fóco antes que ele se propague, matar o germe antes que ele desabroche na florescencia da vida plena.

E' preciso armar a contra-revolução no interior, pagar as guerras do exterior, provocar o terror vermelho, para acusar de furor sanguinario as necessidades da defeza revolucionaria, sem erguer a mesma condenação hipocrita — supremamente hipocrita na boca dos tigres da grande guerra — contra as epilepsias repressivas da reação.

E' preciso estrangular um povo imenso de homens pacificos, de crianças e de mulheres, com o garrote scelerado do bloqueio, para acusar de incapacidade a revolução, privada de todas as fontes e elementos de reorganização economica.

E como o processo não é suficientemente expedito, como a nova ordem de coisas, melhor do que nenhuma outra, tem sabido resistir a uma situação horrivel, urge matal-a de morte violenta, a ferro e fogo, como a comuna hungara, para que se possa dizer depois que morreu de morte natural, por debilidade congenita, victima dos seus crimes e dos seus vicios.

Um ponto fraco no plano estrategico: a Santa Aliança teve enfim que se desmascarar demasiadamente com este assalto supremo. Para mais, a Alemanha de Noske, que tão servil tem sido na execução des ordens da *Entente* contra a revolução russa e alemã, lembrou-se agora, sob a pressão dos comunistas e a ameaça de gréve geral, de recusar colaborar no bloqueio, pregando aos Aliados a inocente partida de lhes publicar a nota, que a *Batalha* qualificou de impudente, mas que em boa verdade era pudicamente secreta. A vingança é a consolação dos debeis.

O escravo, embrutecido e exausto, dorme ainda profundamente. Mas não o despertará o estrondo da peleja e não lhe abrirá os olhos a nitidez da situação?

Do seu lado a minoria revolucionaria não se cansa de o sacudir e de o chamar com os seus brados premonitorios: E' a tua causa que se debate! é a tua causa que se decide!

E nessa minoria, consolida-se a união, a união da hora da luta e do perigo.

Na Russia, tambem os menchevistas e minimalistas acorrem á frente unica contra o inimigo comum, lançando o labéu de traidores contra os vacilantes. E entre os anarquistas, temos por exemplo, Shatoff, que ocupa na defeza de Petrogrado um posto da maior responsabilidade e explica a sua atitude a um jornalista norte-americano:

— Agora que os governos tentam sufocar pelas armas a nossa revolução, ajudo os bolchevistas na defeza da Russia proletária. Quando os Aliados decidirem deixar-nos resolver as nossas questões entre nós e estiver acabado o perigo da contra-revolução, eu e os meus camaradas anarquistas lutaremos contra o governo bolchevista por uma revolução verdadeiramente socialista, isto é, anarquista.

E ahi está porque o bloco revolucionario, que defende a revolução, a vê como o bloco burguez, que a ataca: um foco difusivel, um exemplo vivo, um germe a desabrochar. As questões de metodo, de tatica de organização, são "questões internas". O dualismo — ou o duelo — entre a força popular, criadora, organica, renovadora, dos Soviets e as tendencias centralizadoras, burocraticas, dictatoriaes dum novo governo ou duma nova excrescencia politica é um problema a resolver entre revolucionarios, vencido o inimigo comum ou assegurada a sua derrota.

E' preciso destruir todas as peias exteriores, conquistar para a revolução ampla liberdade de ação e de desenvolvimento, largas possibilidades materiaes, para que ela possa revelar todas as suas virtudes ou trahir todas as suas insuficiencias e defeitos.

E' isso o que a burguezia não quer e é isso o que nós queremos — unanimemente. Baldada tentativa a dos que intrigaram com os nomes de Gorki, Kropotkine, Tolstoi: este ultimo pela boca do seu mais intimo herdeiro intelectual, Paulo Birukof, os outros dois com clamores retumbantes e comoventes, lançaram á face do mundo a condenação do grande crime contra a humanidade nova.

Respondem-lhes, num éco lancinante, as poderosas vozes de Anatole France, Romain Rolland, Henri Barbusse, de todos aqueles em quem um grande cerebro serve um grande coração.

Respondemos todos nós, os que sentimos a solenidade tragica da hora, os que admiramos, com a alma incerta e angustiada, a sublime epopéa do Oriente, a epopéa dum grande povo faminto e roto que se bate pela sua liberdade, pela liberdade do mundo, pelas novas possibilidades de vida nova!

Fazemos éco todos os que pretendemos ficar indenes da mancha infame do silencio ou hostilidade cumplices, os que não somos "rabulas, retoricos, confusamente ideologos, e friamente praticos", como esculpiu em bronze o estilo justiceiro de Romain Rolland.

Neno Vasco.

Sintomatico

Telegrama de Roma, expedido pela Havas, via Pariz, datado de 16:

« A Camara aprovou a emenda que convida o governo a proceder á expropriação de terras e a exercer controle sobre o pessoal tecnico das grandes industrias, de maneira a preparar-lhes a socialização ».

E' sintomatico e dispensa comentarios.

Apenas desejariamos que S. Ex. o Embaixador Real de Italia nos desse noticias do estado de saude do ilustre e sagrado Dogma da Propriedade Privada... Coitado!

Si a historia do direito penal nos ensina alguma coisa, é que a severidade não impede o crime. — W. D. MORRISON.

CONTRASTE

Sobre a projectada revogação do banimento da familia imperial, o Sr. Medeiros e Albuquerque escreveu na *Noite* umas coisas sensatissimas e justissimas, de onde copiamos o trecho essencial seguinte:

«Ha pessoas enternecidas de compaixão falando com uma pena infinita no barbaro exilio da familia da Princeza Izabel.

E' bom não esquecer que esse exilio nada tem de cruel.

Trata-se de uma familia riquissima, que vive folgada e alegremente *na patria do seu chefe* e que ahi se dá admiravelmente. Dos 77 anos que hoje tem o Conde d'Eu, 52 se passaram na sua terra natal. Está nela cercado de seus parentes francezes.

D. Luiz, o principe que ainda se considera herdeiro do inexistente trono do Brazil, sahiu daqui com 11 anos, casou-se com uma princeza nascida em França, e em França vive ha 30 anos.

Assim, só talvez a Princeza Izabel tenha alguma saudade do Brazil, onde passou a sua mocidade; mas todo o resto da sua familia é de excelentes francezes, que sempre tem vivido ricamente na França. No Brazil, é que eles estariam exilados.

E' curioso notar que haja tantos jornaes interessados nesse caso de compaixão por milionarios imperiaes e, no emtanto, absolutamente desinteressados de um caso de exilio — esse, sim, infinitamente doloroso — como o de Everardo Dias, caso que peza sobre a consciencia nacional como uma injustiça monstruosa.

Mas a compaixão chic, a compaixão «almofadinha» e «melindrosa» só olha para principes; não desce a cuidar de miseros operarios...»

Mais meia duzia de calhambeques

A Conferencia da Paz foi de uma gentileza sem limites para o Brazil. Quasi ao apagar das luzes, resolveu, o magno cenaculo da pirataria victoriosa, contemplar a nossa cara patria — isto é delirantemente comovedor! — com seis torpedeiros dos que foram tomados aos alemães pelos nossos bravos e humanitarios aliados.

Seis torpedeiros... Mas para que diacho servirão seis torpedeiros? Para transportar generos e viveres, não — seria indigno da flamula guerreira. Para amedrontar os argentinos? Caramba!

Já temos cá uma serie de calhambeques, que não pesam pouco na mesa orçamentaria. E somos presenteados com mais seis, pelos nossos amigos aliados.

Livra-me dos amigos, que dos inimigos sei eu livrar-me, diz a sabedoria popular... Realmente!

Quando é que os homens verão a necessidade da administração directa das coisas pelos proprios productores e consumidores? — NENO VASCO.

Fóra de tempo

Tambem *O Misantropo*, redactor de uma secção de céticismo em grifo, na *Rua*, deu para meter o pau nos "indesejaveis". Meter o pau é duplamente um modo de dizer: o elegante e requintado comentador ficaria atrapalhado, com o seu monoculo, as suas luvas e as suas polainas, si fosse tomar de um pau para desancar a gente. Ele esgrime, com um raro apuro digno dos tempos velhos, um flexivel e paradoxal florete, que apenas belisca e arranha...

E este é o seu erro e a perda do seu latim. Estes tempos novos são asperos e brutaes, e o florete é hoje por muito favor um curioso objecto de museu historico. O punho rude e rijo do trabalhador, feito *suprema ratio* do seculo, decidiu não mais fatigar-se no sustento dos suaves e perfumados pastranas, que fazem da ociosidade oficio doce e confortavel — e o punho do trabalhador não percebe de floretes.

Sonoros malabarismos verbaes não contam mais nesta hora em que o art. 18 do Soviet estabeleceu o postulado do novo mundo: *quem não trabalha não come*...

Adivinhamos daqui o ironico sorriso do ilustre *O Misantropo*, si acaso lhe pairar este comentario sob o displicente olhar de sibarita. Tanto peor. Porque não ri melhor quem ri primeiro... não é verdade?

O' antiquado senhor — ide ás favas!

Avoluma-se o clamor das consciencias livres do mundo em defeza do povo russo

Um grande crime se comete!

Nós protestamos

Sob estas epigrafes, setenta e dois nomes consagrados nas letras e artes francezas lançaram um vibrante protesto contra o bloqueio imposto á Russia socialista. Entre os signatarios, notamos Anatole France, Séverine, Barbusse, Victor Margueritte, Margarida Audoux, Steinlen, Luce, Jourdain, Buisson, Basch, Herold, Charles Gide, etc.

Eis a tradução do protesto:

« Um grande paiz, infeliz, dilacerado, exhausto por todas as guerras exteriores e interiores, vai conhecer sofrimentos maiores ainda do que os que até aqui o têm acabrunhado: a Russia vai ver apertar-se em seu tôrno um bloqueio criminoso sem exemplo nem desculpa. Milhões de seres inocentes, que nem sempre podem comprehender siquer as causas da sua profunda miseria, mais que nem por isso deixam de ser torturados, vão experimentar mais cruelmente do que nunca a fome e todos os desastres moraes e materiaes que ela traz comsigo.

Os governos aliados, para atingir esse fim deshumano, uniram-se aos seus inimigos da vespera e não hesitaram em fazer pressão sobre os paizes neutros.

Não se trata aqui de politica. Não se trata siquer de saber si o regimen actual da Russia põe em perigo — como se diz — a ordem do mundo. Comete-se um grande crime contra homens, um crime tal que para ninguem pode produzir nada que seja bom. Recusamos associar-nos a esse crime, associar-nos a ele ainda que seja só com o nosso silencio. Protestamos com todas as forças do nosso coração e do nosso espirito contra um acto indigno, tanto da consciencia humana em geral, como das tradições do nosso paiz em particular ».

— —

O ilustre historiador da Revolução Franceza, A. Aulard, não assinou o protesto, mas enviou a um redactor de *L'Humanité* a seguinte carta:

« *Paris*, 21 de Outubro de 1919.

Caro Cidadão Caussy,

Em vez de assinar este manifesto, cuja fórma não quadra bem com os meus habitos de historiador, permita-me que lhe exprima, á minha moda, o meu modo de ver pessoal.

Como v., ao ver esse projecto de bloqueio da Russia, confrangeu-se-me o coração. Como! esse bom povo russo, tão desventurado, que tanta fome e frio padece, ainda o vamos fazer sofrer mais! Por nossa vontade, vão milhares de seres inocentes ser expostos á morte pela fome! E quando eu soube que pediamos... a quem? aos alemães que colaborassem nesta cruel empreza, subiu-me ao rosto um pouco de rubor.

Sou anti-bolchevista, sim, pois sou democrata, e sou-o como francez. Quero dizer com isso que seria loucura aplicar á França os metodos dum sanguinario fanatismo oriental, como loucura seria querer introduzir entre nós o tzarismo. Mas deixemos os russos *bolchevizarem* ou *tzarizarem-se* á vontade, si isso lhes dá gosto. Demais, quanto aos crimes atribuidos a Lénine e a Trotski, mantenhamo-nos em estado de espirito critico. Tambem Robespierre e Danton foram tratados de monstros de face humana, e a Europa monarquica denunciava a Revolução franceza como uma saturnal barbara. Não quer isso dizer que Lénine e Trotski devam ser igualados, pelo valor moral, a Danton e a Robespierre, nem que o bolchevismo seja uma revolução construtiva como foi a revolução franceza. O que significa é que devemos desconfiar das verdades oficiaes, e que o povo francez não deve tratar o povo russo como um povo de assassinos.

Penso em Voltaire, nesse Voltaire que v., caro cidadão Caussy, tão diligentemente editou e biografou. Que diria ele disto, si vivo fosse? Motejaria decerto o fanatismo dum Lénine, mas á idéa de combater uma doutrina com a fome, o defensor de Calas soltaria um clamor de indignação.

Queira aceitar, etc.

A. Aulard.

Uma carta de Romain Roland

Genebra, 23 de Outubro de 1919

O esmagamento da Revolução russa pela coligação das burguezias da Europa — aliadas, germanicas e neutras — é um crime odioso. Mas não me sorprehende. Desmascara a mentira das pseudo-democracias da Europa e da America. Organizaram, dizem elas, a cruzada contra a autocracia germanica. Não passam de oligarquias egoistas e hipocritas. A grande guerra emprehendida ha cinco anos — e que não está terminada — revela-se como a sua guerra, a guerra das burguezias plutocraticas, dum lado contra os ultimos reductos do antigo regimen monarquico, do outro contra o despertar do povo, que reivindica os seus direitos.

Esta guerra é conduzida com a implacavel má-fé dessa classe de legistas rabulas, retoricos, confusamente ideologos, e friamente praticos. A força desta classe reside no uso do poder, que ela detêm ha seculos — desde muito antes da Revolução franceza — desde Felipe o Belo. Soube sempre abrigar a sua irresponsabilidade por traz de imponentes ficções, outrora por traz do rei, hoje por traz dos idolos: Direito, Patria, Liberdade.

O mundo está entregue a uma classe de intendentes velhacos e rapaces que sob o nome de Republica, como sob o de Realeza, trabalham para as suas paixões e para os seus interesses.

Causa dó o pensarmos que tantos homens de bem, trabalhadores, de coração puro, na propria burguezia, se deixam ainda ludibriar nisso. Enquanto a grande Burla não fôr desmanchada, nenhum progresso social sério e vasto é possivel. Cada tentativa para renovar a ordem envelhecida e corrupta será esmagada, como o é hoje o esforço caótico e grandioso dos nossos irmãos da Russia.

Mas a aspiração eterna a uma ordem nova mais justa e mais humana jamais se apagará. Mil vezes abafada, mil e uma vezes resussita.

Romain Rolland

Um apelo dos hollandezes

O Conselho Superior das Potencias Aliadas e Associadas, na sua louca avidez de dominação

mundial, dirigiu-se aos governos da Suecia, da Noruega, da Dinamarca, da Holanda, da Finlandia, da Hespanha, da Suissa, do Mexico, do Chile, da Argentina, da Colombia e da Venezuela, incitando-os a cerrar mais apertadamente, com eles, o *cordão da morte* em torno da Russia:

Não permitindo a nenhum navio estabelecer carreira com os portos russos;

Recusando todos os passaportes;

Rompendo todos os laços comerciaes e tornando impossivel qualquer comunicação por via postal ou por telegrafo sem fio.

Pela primeira vez, as potencias aliadas e associadas se dirigiram de fórma algum tanto amistosa ao governo alemão, afim de obter a contribuição deste na obra de exterminação a mais rapida possivel da Russia dos Soviets.

Nós exhortamos todos os revolucionarios de todos os paizes a começar e a continuar, do modo mais energico, uma ação tendo por fim romper o *cordão da morte* de que está cercada a Russia.

A pé! Levantai-vos contra os governos cumplices de um czarismo abjecto e que não têm escrupulo de matar á fome dezenas de milhões de homens, mulheres e crianças.

Levantai-vos contra todas as potencias politicas, sejam de onde forem e quaesquer que sejam os seus nomes, que mantenham e favoreçam o imperialismo, no interior como fóra das suas fronteiras, sob a mascara de amor á Humanidade e aos Povos. Mas do que nunca se faz sentir a necessidade de uma ação unanime e revolucionaria.

Si os aliados e seus associados conseguissem esmagar a Russia, uma *onda de reação* se estenderia pelo mundo.

Operarios, operarias, intelectuaes, soldados, não suporteis semelhante crime.

Vós sois milhões; oponde a vossa vontade á vontade dos opressores, que são uma infima minoria.

Sobretudo a vós, revolucionarios da America, da Inglaterra e da França, cabe o dever de agir em socorro da Russia dos Soviets. Medi as vossas responsabilidades e dai o exemplo, que o mundo aguarda, de uma ação revolucionaria das massas, unico meio de *salvação da Russia.*

Comité Internacional Anti-militarista: M. de Boer, J. Hooyberg.

Comité Internacional das Mulheres Socialistas Revolucionarias: M. Kruis, C. Koomans-Timmer.

Comité dos Professores Comunistas: J. C. Ceton, Van Liefland.

Federação Nacional dos Anarquistas Socialistas: C. Kitsz, M. de Boer.

Organização das Juventudes «O Semeador»: L.-Z. de Jong.

Partido Comunista: D.-J. Wijnkoop, J.-C. Ceton.

Partido Socialista: W. Havers, H. Kolthek.

Secretariado dos Operarios Holandezes: Lansink Junior, Lansink Senior.

União Federativa dos Empregados dos Serviços Publicos: J.-A. Wesselingh, J. Schenk.

União dos Estudantes Socialistas Holandezes: D.-J. Struik, H. Verhoeven.

União dos Homens Livres: J. Rink, J. Mispelblom Beyer.

União dos Intelectuaes Socialistas Revolucionarios: B. de Ligt, Helsen Ankersmit.

União dos Socialistas Cristãos: J.-W. Kruyt, H. H. Cats.

A expulsão de Micelli

Já estava paginada, noutro lugar, a noticia da prisão interminavel do camarada Micelli, quando os jornaes publicam a nota da sua expulsão, traz-ante-hontem.

«Devidamente processado» — diz a nota dos jornaes, fornecida pela policia... Que cinismo!

Micelli é sapateiro, vivia só do seu trabalho, e arrancado foi do trabalho para ser expulso. O que não impedirá venha a policia afirmar mais tarde que ele era um explorador do operariado, vivendo a expensas de associações, etc., etc.

Micelli deixa aqui sua familia, tendo filhos brazileiros. Que estes saibam julgar quanto valem as liberdades constitucionaes da sua patria...

A FORÇA DA SOLIDARIEDADE

O exemplo da gréve do carvão

Quando os mineiros norte-americanos, ha quasi dois mezes, ameaçavam a gréve geral, o governo do Sr. Wilson fez mil manobras, deste as mais untuosas ás mais ameaçadoras, para conjurar o movimento. Tudo em vão. A gréve estalou precisamente no dia e na hora marcada. Mais de quatrocentos mil trabalhadores, espalhados por diversas regiões do territorio nacional, mas unidos todos pela mais estreita solidariedade, abandonaram o trabalho, desertando das minas, com o proposito firmissimo de a elas não regressarem emquanto não fossem satisfeitas as reclamações formuladas pela sua associação de classe.

Todavia o governo, inutilizados os seus esforços no sentido de evitar a paralização do trabalho, não se deu por vencido. E a batalha travou-se então aspera e furiosa. Integralmente ao serviço do capitalismo, o governo poz em pratica todos os meios ao seu alcance, a ver si esmagava os mineiros. Forças de terra e mar a postos, com ordens severas de repressão, tribunaes e juizes industriados para a mascarada das arbitrariedades. Registraram-se conflictos varios, houve prisões, assaltos, ameaças... Os grévistas resistiram a tudo. A gréve continuava total, sem o menor desfalecimento. Passaram-se os dias, a primeira semana, a segunda semana... Foi quando o governo tentou o grande golpe. Os leaders do movimento, directores da União dos Mineiros, foram entregues á justiça e obrigados, sob pena de conselhos de guerra e não sei mais que sinistros castigos, a "ordenar" a cessação da gréve, a volta ao trabalho. Os leaders obedeceram á coacção. Ordens foram expedidas para todas as regiões das minas. Inutilmente. Os mineiros sabiam a significação daquelas ordens. E desobedeceram. A gréve continuou. A decisão de vencer, animada por um espirito de inquebrantavel solidariedade, manteve-se integra e irreductivel. O governo, com todas as suas forças de terra e mar, com todos os seus tribunaes e juizes, e os capitalistas, com todo o poder do seu ouro e toda a arrogancia dos seus privilegios, perceberam assombrados que havia pela frente uma tremenda e formidavel força nova. A plutocracia americana, potencia maxima do mundo burguez contemporaneo, sentiu o seu imenso prestigio abalado pelos alicerces. E os dias passaram, passaram as semanas, e com os dias e as semanas, a gréve colossal continuou, soberba e solidissima...

Os prejuizos que atingiam ás industrias, quer dizer, aos industriaes iam cada dia avultando em proporções incalculaveis. Centenas e centenas de fabricas fechavam as portas. As estradas de ferro diminuiam as carreiras de comboios. Os portos se atulhavam de navios com as caldeiras paralizadas. As autoridades retomaram as medidas de guerra, com o racionamento rigoroso dos stocks a se esgotarem.

E os grévistas — inabalaveis.

O governo, batido e impotente, teve a unica sahida adequada á entrada de leão, que tivera: sahida de sendeiro. Implorou humildemente aos trabalhadores que voltassem ás minas, propondo-lhe um acôrdo sobre bases razoaveis. Os mineiros acederam e a gréve terminou.

Entrevistado por um correspondente da United Press a respeito desse acôrdo proposto pelo governo do Sr. Wilson, um grande industrial norte-americano declarou que semelhante solução equivalia a colocar a nação "á mercê do trabalho organizado".

Precisamente! Essa gréve dos mineiros americanos, movimento colossal que ha de ficar na historia da luta de classe como um dos mais formidaveis, ainda verificados, constitue um admiravel exemplo, um exemplo decisivo da força da solidariedade operaria. Esta é a força que ha de subjugar e vencer todas as forças da tirania e da opressão da classe burgueza. Esta é a força que ha de dominar o muudo moderno, amoldando á sua feição — pela justiça do trabalho, lei suprema dos novos tempos — a sociedade futura dos nossos sonhos.

Aurelio Corvino.

CONFERENCIAS

Teve pleno exito o sarau de propaganda organizado por Alvaro Palmeira em beneficio do diario da Federação, realizado domingo ultimo na séde da Aliança dos Operarios em Calçado.

Constou a primeira parte de uma conferencia, de que se encarregou Palmeira, com a competencia e brilho habituaes. Analisando e comentando, em primeiro lugar, varias passagens de recente discurso do senador Ruy Barbosa, na Bahia, o orador mostrou como anda agora o conselheiro a defender, em causa propria, o direito popular de revolução, quando os governos baseiam o seu poder no arbitrio e na opressão. E' claro que, para o senador bahiano, os governos de opressão e arbitrio são apenas os governos... adversos a ele. Nós outros generalizamos: todos os governos burguezes e plutocraticos são governos de arbitrio e opressão e dahi o prégarmos e defendermos a revolução como um direito popular indiscutivel.

Em segundo lugar dissertou Palmeira sobre: as necessidades individuaes e colectivas determinando as instituições sociaes. Uma peroração ardente e vigorosa e terminou a conferencia debaixo dos aplausos prolongados da enorme assistencia.

Em seguida varios camaradas recitaram versos e disseram monologos, todos muito aplaudidos.

Uma noite cheia.

—

Sabado, 13, fez o mesmo Palmeira interessante conferencia, a convite dos tecelões, na séde da respectiva União.

Hoje falará Carlos Dias, na séde dos Alfaiates, Alfandega 182, sendo as entradas pagas e revertendo o producto das mesmas em beneficio do jornal da Federação.

Casos dolorosos

Nos «Comentarios» do *Jornal* de sexta-feira, 12 do corrente, sob a epigrafe "Um doloroso caso de miseria", li que oficiaes do exercito, que foram acompanhar o enterro do capitão Minervino Gomes da Costa, ficaram escandalizados e profundamente comovidos com o quadro de miseria que observaram na residencia deste oficial, e o grau de sensibilidade foi tanto, que resolveram levar o facto ao conhecimento do Club Militar.

Sim senhores!

Eu, si já não estivesse com o meu coração embotado pela frequencia com que observo estes casos dolorosos de miseria, tambem teria vibrado de emoção ao lêr tal ocurrencia. Mas, confesso com a sinceridade que me é habitual, não senti por esse caso o menor abalo, porque, não só no Rio de Janeiro, como em todo Brazil e em todos os paizes do mundo onde impera o regimen do individualismo autoritario, o regimen plutocratico, estes casos observam-se ás dezenas diariamente, com a diferença, porém, de que as victimas não são os senhores oficiaes do exercito, mas sim proletarios, trabalhadores, meus camaradas plebeus que para mim, (perdoem-me a dura franqueza) valem muito mais e são muito mais queridos que todos os oficiaes de terra e mar, com os quaes, nem eu e nem os meus companheiros podemos ser solidarios, porque eles proprios crearam a situação antagonica em que nos encontramos, constituindo-se em casta dominadora e parasitaria protegidos pelas leis feitas ao talante de seus amos — os capitalistas e bachareis.

Repito. Os casos como o que tanto sensibilisou os oficiaes que foram ao enterro do capitão Minervino, dão-se diariamente ás dezenas nesta cidade, mas as victimas são simplesmente trabalhadores e por isso não merecem as honras dos comentarios pateticos dos jornaes e nem os gestos sensacionaes da burguezia, mas, nem por isso, são menos dignos de lastima e de comiseração.

Assim penso eu e comigo os meus camaradas que lutam pelo mesmo ideal, o ideal da Liberdade completa, da Justiça pura, da Igualdade economica, que afirmo convictamente, é o unico remedio que póde curar estes «casos dolorosos».

Nós, trabalhadores, não temos soldos pingues e não legamos monte pio ás nossas familias, apezar de mourejarmos desde a nossa infancia até a nossa velhice para mantermos o Estado com todos os seus encargos e com todo o seu cortejo burocratico, sem que esse pai deshumano leve em conta o nosso sacrificio e ainda para cumulo de perversidade nos ameaça com cadeia e degredo quando ousamos levantar a nossa voz para indicar um regimen consentaneo com o progresso actual.

Não sei si é por ignorancia minha, mas não posso comprehender qual a diferença que existe entre um oficial do exercito e um trabalhador que morrem na miseria?!

Não será, porventura, a mesma cousa?!

Haverá, então, alguma diferença na conformação biologica de um e de outro?!

Quem me explicará isto?

Mauricio Livretesta.

Bom augurio

Com a carencia de carne verde, tem a carne de porco subido enormemente no consumo da cosinha carioca. Mas, ao que parece, a carne de porco não é tão inocente quanto a carne de vaca, e vão-se registrando, num crescendo assustador, infecções intestinaes e erupções cutaneas provenientes do seu uso e abuso.

O Jornal, inimigo do Comissariado, a este atribue a culpa de tudo, e brada aos céus contra a sua ação nefasta. Chegou até, o novel e já grave orgam, a este augurio: que o mal atinja o Presidente, para ver si se tomam então providencias energicas.

Escreveu o *Jornal*:

«Só nos resta, como ao povo carioca, aguardar, sem aliás o desejarmos, que ao dr. Epitacio Pessoa, a quem queremos muito bem, ocorra algum desarranjo intestinal, leve, muito leve, para então voltarmos á nossa alimentação habitual».

De acôrdo. Nós tambem auguramos sinceramente esse benefico e presidencial desarranjo intestinal, mas não apenas "leve, muito leve", e sim, pesado, muito pesado, definitivo e fatal...

Aleijado e explorado

Continúa o *Jornal do Brazil* a inserir em suas paginas a subscrição trocista, arranjada pela Light sob o titulo acima, relativa ao caso do motorneiro Manoel Ribeiro, cujo facto motivou o assalto ao Centro de E. em Ferro-vias. E' o que ha de mais importante. A Light, deve-se falar claramente, usa de taes processos velhacos por que, na verdade, o que ela visa impedir por esse modo, não é a ação desenvolvida até hoje pelo C. de Empregados em Ferro-vias nem a que possa desenvolver dentro dos moldes legalistas e beneficentes que a mesma se vem traçando: o que a Light procura e teme é que aquela se transforme da noite para o dia em sindicato e que adote um programa de ação directa, como já o deveria ter feito. Si tal se desse, a Light, com toda a sua arguição aleivosa e velhaca, ter-se-ia retrahido na sua arte execravel de explorar.

Vel-a-iamos entrar nos eixos, porque os trabalhadores do trafico seriam hoje uma força poderosa, aliada ás outras classes, o que tanto se faz necessario.

Foi, com efeito essa falta de lealdade e de união, que determinou o fracasso de uma das mais importantes gréves que se teem dado no Brazil, o movimento de 1917.

Pois como é sabido, quasi todas as classes aderiram, e na excepção figurava a dos bondes, quando reinava uma geral anciedade por que tal sucedesse.

Aconteceu, porém, que estes não pararam, obedecendo, sem duvida aos planos da Ferro-vias, que se tinha manifestado sarcasticamente ao lado da "lei" e da "ordem", como nós todos vimos.

Ora, por tal rota, jamais conseguirão os trabalhadores associados ao C. de Ferro-vias inutilizar os planos infernaes de uma companhia que se pode reputar sem rebuços a mais execravel e exploradora das suas congeneres, pois que conta até a seu soldo com agentes de policia para vigiar e delatar trabalhadores que se prezam de mais honrados, mais nobres, mais justiceiros, mais dignos que os caras-raspadas que aqui vierem a explorar torpemente o sangue dos trabalhadores.

Tenham isso em conta os trabalhadores da Light, socios e não socios da Ferro-vias, e deixem-se de beneficencia, porque esta só serve para entravar a marcha das nossas reivindicações e gerar a desconfiança na classe.

M. Esteves.

O MOVIMENTO SOCIAL NA ITALIA

As forças numericas do Partido Socialista. — O extremismo não prejudica o recrutamento. — O sindicalismo reformista e revolucionario. — Os anarquistas, sua organização e imprensa. — Pró Malatesta.

Falando do movimento social na Italia, temo-nos ocupado quasi exclusivamente do Partido Socialista, porque ele oferece um contraste com os partidos congeneres de muitos outros paizes e porque, representando em geral essa fracção a média da opinião socialista, podemos ter nele um termometro para a temperatura revolucionaria dum paiz.

E o exame dos progressos do partido socialista italiano é altamente elucidativo. Durante 1918, foram as secções 1.021 com 25.030 inscritos, ao passo que por ocasião do recente Congresso de Bolonha tinham elas atingido a cifra de 1.891 com 81.463 socios. Em 1918, as entradas no cofre partidario somaram um total de 56.210 liras, ao passo que, de 1º de janeiro a 15 de setembro de 1919, essas entradas montavam já a 238.589 liras.

E' claro que os membros alistados dum partido representam apenas o nucleo militante da idéa. Em torno desse nucleo se agrupa uma massa muito mais consideravel de adeptos não inscritos, reforçada por uma reserva ainda maior de simpatizantes, que faz sentir a sua influencia e peso sempre, e que a certas horas aparece mesmo em campo.

Como indice dessa força fóra dos quadros partidarios temos todas as manifestações do partido, desde os comicios e demonstrações da rua, que chegam a reunir, numa cidade como Turim, cem mil pessoas, até ás eleições politicas, indicação entretanto muito menos segura.

Outras indicações temol-as na rapidez e importancia da grande subscrição pró *Avanti!*, que atingira, por ocasião do Congresso, 1.200.000 liras, recolhidas grão a grão; e no prodigioso crescimento da tiragem do mesmo jornal, que ha poucos mezes era já de 200.000 exemplares, tendo alcançado a cifra de 300.000 em principios de Outubro! E mais tiraria com meios tecnicos adequados, como aliás vai ter.

O desenvolvimento doutrinal corresponde ao progresso numerico. O socialismo do partido tem acentuado a sua côr rubra, sem prejudicar o recrutamento de aderentes, antes pelo contrario. O que, como nota Paulo Faure que representou o partido socialista francez no Congresso de Bolonha, vem dar o solene desmentido aos que pretendem justificar o seu palido reformismo com a necessidade urgente de arrebanhar as massas, mostrando com isso não comprehender a situação dinamica revolucionaria, que vivemos.

— —

Alem dos elementos que aderem á tatica e finalidade do partido socialista italiano e que nele estão filiados ou em torno dele gravitam, temos á direita e á esquerda as forças afins, empurrando em muitas circunstancias, com maior ou menor esforço, na mesma direcção.

A' direita está sobretudo a Confederação Geral do Trabalho, que é na Italia a mais numerosa organização proletaria. Nela predominam as tendencias reformistas, mais da parte da burocracia sindical do que das massas; mas os elementos extremistas, lá dentro, e de fóra o partido socialista, ajudado pelas circunstancias, conseguem acelerar um tanto os movimentos da pesada maquina.

Não mencionemos, sinão por desfastio, a União Italiana do Trabalho, cujo sindicalismo de guerra, capitaneado pelo sargento De Ambris, o «deputado Quatro-balas», conseguiu arrastar algumas organizações, particularmente na região de Parma. Esta fracção e os chamados «socialistas independentes» — os reformistas escorraçados, vomitados pelo partido — não têm influencia sobre a massa nem a iniciativa da ação, sendo forçados a seguir na esteira do movimento operario para não perder de todo o pé e manter uma aparencia de prestigio.

A' esquerda ha a União Sindical Italiana, secretariada por Armando Borghi, com séde em Bolonha e *La Guerra di Classe* por orgão principal na imprensa. Esta organização, que agrupa cerca de 300 mil sindicados, esteve recentemente em negociações com a C. G. T. italiana para fusão das forças dos dois organismos; e si não se chegou a um acôrdo daquela vez, esperemos que o dualismo venha a desaparecer em breve, indo o sindicalismo revolucionario duma das confederações introduzir novo sangue nas veias da outra.

— —

E falemos por fim dos anarquistas, que representando a guarda avançada do exercito socialista, estão na Italia mais bem organizados do que nos outros paizes.

Desde o Congresso de Florença, existe uma União Anarquista italiana, que liga as federações regionaes e os grupos.

Os anarquistas possuem numerosos jornaes, sendo hoje o mais importante *Volontà*, de Ancona, em cuja caixa ha um saldo de 8.000 liras — caso extraordinario para uma folha de sua indole.

E em breve aparecerá, em Milão, o orgão diario dos anarquistas italianos — *Humanitá Nova* (Casella postale, 71 — Milano) — para o qual, em poucos mezes, este partido em que o endinheirado é *avis rara* — mesmo na terra de Cafiero — soube amealhar mais de cem mil liras.

Uma das manifestações da força e influencia do anarquismo italiano é a agitação em favor do repatriamento de Errico Malatesta. Jesuiticamente, o governo italiano, dizendo-o embora anistiado, ordena ás autoridades consulares que lhe neguem o passaporte, sem o qual o ilustre proscrito não pódé sahír de Inglaterra.

Recentemente, foi o assunto discutido e o escandalo fustigado num grande comicio realizado em Bolonha, por iniciativa da União Sindical e com a adesão do Partido Socialista, de inumeras organizações e de varios militantes estrangeiros, como Monatte.

Malatesta pretendia regressar á Italia mesmo não anistiado, para retomar o seu posto de combate — sempre juvenil na sua fé, ele que é um veterano da Primeira Internacional e foi companheiro e amigo de Cafiero e Bakunine.

Noticias telegraficas recentes noticiam a entrada de Malatesta na Italia, anistiado. E a estas horas já *Humanitá Nova* deve estar sahindo, para desespero da burguezia.

Ciclo revolucionario

Causa primaz da guerra, cuja paz ainda se não firmou nem nos parece exequivel nas regiões diplomaticas, a concorrencia comercial do regimen burguez reenceta sua ação daninha de semeadores de conflictos armados.

Os Estados Unidos que, alguns anos antes da conflagração, realísavam, pacificamente, a hegemonia economica mundial, jogando, no comercio de exportação, com um numero fabuloso de cifras, provocaram, na Europa, a concorrencia alemã, especie de baluarte ao, então, chamado «terror yankee».

A Inglaterra que perdia o dominio no mercado asiatico ante a soberania americana do Pacifico, e a França que via seu campo de ação comercial invadido pelos productos alemães, entre dois fogos, reagiram conjunctamente, procurando, de preferencia, afastar o concorrente mais proximo, para o que foram necessarios quatro anos de loucura belica.

Exgotada, a Alemanha teve de recuar.

Os vencedores, que por um triz o não foram, arruinados tambem material e economicamente, procuram, agora, dissimular as aprehensões que os aturdem, embahindo o mundo com a transmutação das côres sombrias da perspectiva que a todos aterra, representando de fortes com ameaças, que não podem tornar efetivas, á nação vencida

Como o objectivo da guerra foi a expansão economica e não o aniquilamento do prussianismo, como pretendeu a hipocrisia capitalista, os aliados, lambendo os beiços no sabor da primeira digestão, continuam de boca aberta á deglutição completa da concorrente que fez periclitar o seu comercio.

Ora, si as democracias ocidentaes defendiam, de facto, causas justas no prélio tremendo que encharcou de sangue viril terras da Belgica e da França, porque é que, vencido o tigre de ponteagudos grifos que rosnava acocorado na Prussia, não consolidam a obra realizada (mercê do poder do dólar), confraternizando-se com o povo alemão, cuja docilidade foi, no momento das justas, apregoada aos quatro ventos?

Porque é que as democracias idolatras do direito das gentes e arautos da auto-determinação dos povos na ingerencia de seus negocios intervêm, por todos meios e a todo pano, na Russia Sovietista que é a expressão da mais elevada democracia, impedindo maleficamente que os revolucionarios concentrem a ação no estabelecimento cabal do regimen que os libertou da feroz autocracia que asfixiava um povo inteiro de heróes-escravos?

Porque é que, fazendo alarde de suas autonomias e orgulhosas de suas liberdades, as democracias que, no palacio de Versalhes, colocaram a legação alemã entre a cruz e a caldeirinha, consentiram, passivamente, na preponderancia Wilsoniana em tudo quanto se negociava á luz dos lustres da celebre sala?

Porque é que se não voltaram a ferro e fogo contra o rico paiz que nos despojos dos vencidos reclamava a parte do Leão?

Porque é que não afastam, para completo desafogo, á mão armada, a concorrencia comercial maior que se vê no mundo dos aurofagos e que é realizada pela America do Norte?

Cafila nojenta! Paladinos covardes! Palhaços de circo!

Não se rejubilem, porem, que ri melhor quem ri por ultimo!

A manietação da Alemanha não será efectuada sem um gemido ou brado de protesto da victima ou dos que perto lhe assistem á tortura.

A corrente libertaria que se não afirmou no paiz de Lessing á primeira investida e que arrastou dolorosamente no seu curso impetuoso Liebknecht e Rosa Luxemburgo, não foi absorvida pela aridez do terreno que alagou.

Desviada do leito por entraves imprevistos ela se ramificou cachoando pelos acidentes do terreno, para se unificar mais adiante e crescer de volume e rugir de força e saltar regougante sobre seixos e diques que lhe tolham o curso.

Quanto mais efectivo tornarem o arrocho economico contra o povo alemão que, emprehendedor, trabalha, sem basofias ou businamentos patrioticos, intensamente, persistentemente para a salvação do paiz, tanto mais complicada e dificil tornarão os aliados a tarefa que lhes cabe na reconstituição da sociedade.

Mas eles não pensam assim. Assombrados já com o surto economico que se manifesta na republica de Ebert, imaginam que a defeza es'á me condenal-a á inanidade.

Desnorteados, incapazes de reflectir com probabilidades de acerto, os governantes de hoje, miopes e caolhos, andam ás apalpadelas, esmurrando facas de ponta, escabeceando em arestas cortantes, na teimosia irritante do burro empacado.

Dahi a colaboração inconsciente que prestam á causa que defendemos, isto é, á implantação universal do anarquismo, unica fórma de vida social mais proxima da indole humana.

Assim é que tornando mais dificeis as condições de vida na Alemanha, eles apressam a quéda do regimen burguez nesse paiz (a Alemanha Socialista é ainda burgueza).

A angustia comprimindo o povo fará explodir um novo e forte movimento espartacista, desta vez victorioso, que implantará o comunismo, sinão em todo, em grande parte do paiz e os nossos amigos aliados não terão com quem negociar a «paz de corvos», segundo a expressão de Chateaubriand do *Correio da Manhã*.

Quaes as consequencias disto? Muitas e sérias!

O proletariado universal que não se quer, de fórma alguma, submeter á velha exploração capitalista, continuará, aproveitando o estado de coisas, nas reivindicações que o têm fortalecido, iniciando, desta fórma, a segunda fase da Revolução Social já concretizada definitivamente, em seu primeiro avanço, na fórma bolchevista russa.

Dadas as condições especiaes e circumstancias actuaes dos paizes do velho continente, a nosso ver, o grito de liberdade partirá da Alemanha supliciada, repercutirá na Hungria e alguns paizes dos balkans, campeará com toda a pujança na Italia, ecoará com grande ruido na Hespanha e Portugal, e isolando a França — ultimo marco, talvez, do ciclo revolucionario e por isso e outras razões, campo onde a luta se revestirá de feições pavorosas — passará victorioso pela Inglaterra para fazer quartel nos paizes Scandinavos.

Chegará depois a vez dos Estados Unidos da America do Norte! Ahi, então, a reação capitalista será bastante séria para que se não a tenha em muita conta.

Quanto a nós, pobres Gecas Tatús, podemos, excepção feita dos anarquistas, continuar de cócaras, acariciando o classico dedão do pé.

O Brazil assimilará...

Quanto tempo demorará e quando começará um tal estado de coisas!

Ninguem póde prevel-o.

João Russo.

Banquete a João do Rio

Amigos do famoso jornalista carioca ofereceram-lhe um banquete, esta semana, no Hotel dos Estrangeiros.

Foi um brodio caloroso e ultra-intelectual, segundo rezam as gazetas. Estava presente a nata do nosso mundo das letras, da imprensa, da politica, da finança, da pirataria.

Falou, oferecendo o banquete, em nome dos convivas, o Sr. Azevedo Amaral, redactor-chefe do *Paiz*. Discurso vasado naquele estilo repolhudo e vasto, caracteristico do Sr. Amaral, e nele o orador proclamou o João do Rio integralmente — um genio. E dissertou depois transcendentemente e pesadamente sobre literatnra, arte, estética, politica, etc., etc. Que horrivel digestão havia de ser a dos comensaes, com semelhante sobremesa!

João do Rio respondeu. Sempre brilhante, mirabolante e picareteante. O enxundioso repórter, não sabemos si em represalia, tambem proclamou o Sr. Azevedo Amaral — outro genio. Que parelha de genios! E depois desatou a falar do Brazil, do Brazil, do Brazil, do Brazil... O João devia antes falar do: Tezouro Nacional do Brazil... eterno marchante dos «homens publicos» manejadores da pena. E ainda mais o João do Rio, que é duplamente um «homem publico»!

Atentados a sangue frio

A falencia da organização capitalista é tão evidente, tão precisa, que se tornam desnecessarios os figurados de retorica para corroborar a razão de ser dos principios que defendemos. E' deixar falarem os factos, cuja eloquencia nos poupa o trabalho de comentarios que as mais das vezes passam despercebidos á perspicacia do leitor.

Ha dias, por méro acaso, encontrei-me com alguns trabalhadores da ilha do Viana. E' um importante centro industrial explorado por um sindicato capitalista cuja ganancia incomensuravel absorve a melhor das energias dos tres mil braços que lá se empregam. A plutocracia encontrou ali um campo azado ás suas ignominias. E, provocante e descaradamente, os senhores da ilha do Viana proclamam, alto e bom som, aquilo que outros ainda têm o decôro de encobrir: — a lei somos nós!

Como entre aquela multidão de ex-homens já se percebia uma tenue manifestação de consciencia, os senhores da ilha deliberaram proceder a cuidadosa seleção procurando atalhar o mal a tempo e a horas. Para isso expediram expressas instruções ao consulado portuguez para que a emigração a chegar aguarde a bordo a requisição do pessoal que fôr julgado conveniente á boa *digestão* dos plutocratas.

De muitas outras coisas que ouvi da boca dos trabalhadores, uma ha que, pela sua transcendencia, merece referencia.

Ha tempos, como as necessidades do consumo requeriam a construção de um matadouro, a empreza, sempre em atenção aos seus exclusivos interesses, designou uma velha loja para a projectada obra.

O engenheiro, cuja profissão sofre tambem a perniciosa influencia, por parcimonia julgou conveniente aproveitar as paredes do velho casarão e ordenou que fossem elevadas. O resultado foi que, dado o estado de decomposição em que se achavam as paredes, estas não suportaram o seu prolongamento, ruiram, victimando dois trabalhadores e deixando outros gravemente feridos.

Um caso destes, como não podia deixar de ser, movimentou o meio oficial e á ilha nesse dia afluiram as autoridades, nas pessoas dos comissarios, dedicados e humildes servidores do Codigo, repórteres, etc.

Deste aparato de *solicitude*, si bem que já sejam passadas algumas semanas ainda não são conhecidos resultados nem principios de providencias da parte das autoridades que, neste caso, não podem alegar a falta da lei (outros agem mesmo sem ela) porquanto existe uma lei modelo, no dizer de pessoas circumspectas e a quem a nossa critica de "energumenos" irrita os nervos.

A imprensa, paladina da causa publica, desinteressada, etc. — grandississima porca! — noticiou o coso da seguinte maneira:

«... devido ao temporal que cahiu na ilha do Viana, desabaram as paredes de um velho predio, victimando dois infelizes trabalhadores e ferindo outros...».

Assim sem mais condimentos, registrou esta beleza da sociedade que se diz ameaçada na sua civilização pelo barbaro bolchevista. E venham as candidas creaturas com as costumadas observações — que as «coisas» não são tão negras como as pintamos e que á dictadura "rude" do proletariado preferem a dictadura "suave" da burguezia. E eu desejarei que o diabo os confunda a todos.

Isidoro Augusto.

A unica definição precisa, indiscutivel e comprehensivel para todos, que se póde dar da lei é a seguinte: as leis são regras baseadas na violencia organizada que os homens fazem cumprir sob pena de castigos corporaes, sequestro de liberdade e condenação á morte.—TOLSTOI.

Numeros atrazados

Temos um regular stock de numeros atrazados de *Spartacus*, que vendemos á razão de 1$000 por centena de exemplares.

A sua distribuição entre os trabalhadores fará boa propaganda, além de constituir a sua compra um auxilio não desprezivel para o jornal.

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia correspondente.

Tambem no Pará

A Americana manda dizer de Belém que a policia daquela cidade aprehendeu varios boletins de propaganda anarquista e prendeu os operarios que os distribuiam.

E' o exemplo do centro, que se estende, naturalmente encomendado... Mas que importa? Como no centro e como no sul, tambem no extremo norte a propaganda anarquista ha de continuar, apezar de todos os arreganhos policiaes possiveis e imaginaveis. Avante, camaradas do Pará!

Uma consideração. Aqui, dentro do parlamento e fóra dele, positivistas e maçons, em artigos nos jornaes, em discursos na Camara e em moções nas suas lojas ou cenaculos, têm condenado severamente as perseguições policiaes aos direitos de opinião. Pois lá no Pará, o governo é chefiado por um positivista e graúdo da maçonaria, o Sr. Lauro Sodré, e lá no Pará o Sr. Lauro Sodré, maçon e positivista, ataca, com as mesmas armas e pelos mesmos processos usados pelos governantes de cá, os famosos direitos de opinião...

Raios nos pilem, si entendemos isso!

O que deveria caracterizar o espirito verdadeiramente moderno é a noção bem clara de que se não deve esperar ajuda sinão de si mesmo.—CHARLES RICHET.

Os "barbaros"

De um Jornal de Moscou:

«O bureau das comunas artisticas organizou um festival consagrado á *creação artistica colectiva*, no qual o celebre poeta, filosofo e erudito Viatcheslav Ivanov pronunciou um discurso pleno de idéas originaes.

Sabe-se que Ivanov, sem abandonar o seu helenismo, nem a poesia, trabalha desde algum tempo já na esfera de idéas do comunismo.

Notou-se a tocante união existente entre ele e Lunatcharski, que falou em seguida. Assim, o bureau das comunas artisticas tem sabido agrupar todos os que trabalham com entusiasmo na creação das bases e da ideologia da cultura proletariana.

O musicista Piatnitski acaba de terminar, graças ao apoio do poder dos Soviets, sua antologia de canções populares russas.

Ele prepara actualmente a organização de um museu da canção popular, no qual serão concentrados todos os documentos, anotações e materiaes concernentes ao assunto, bem como uma escola de canto.»

... Que barbaria, deuses de misericordia!...

Desenvolvimento do associativismo na Alemanha

A *Chicago Tribune* publicou ha pouco, em correspondencia de Berlim, interessantes dados sobre o desenvolvimento das associações operarias na Alemanha.

54 organizações recentemente fundadas, contavam em julho . . . 4.800.000 socios, e em fins de outubro esse numero já subia a . . . 6.400.000.

Outras associações já existentes antes da guerra vão tambem no mesmo desenvolvimento progressivo, segundo se verifica pelo seguinte quadro:

	Antes da guerra	Presentemente
Metalurgicos	537.991 —	1.300.000
Fabricas varias	207.330 —	505.000
Transportes	228.207 —	450.000
Mineiros	101.956 —	422.000
Construtores	300.562 —	400.000
Agricultores	22.531 —	400.000
Texteis	131.034 —	370.000
Madeira	192.465 —	310.000
Empregados	32.219 —	350.000
Obras publicas	54.222 —	250.000
Vestuario	49.145 —	100.000

A voz dos deportados...

UMA CARTA DE ZANELLA

Datado de Dakar, escreveu o camarada Zanella, deportado com Gigi Damiani e Silvio Antonelli, uma carta ao director do *Combate*, de São Paulo, de onde a transcrevemos:

Sr. director d'O COMBATE — Saudações. Confiando na costumeira imparcialidade de vosso jornal, tomo a liberdade de enviar-vos, na certeza de que sejam dadas á publicidade, estas breves linhas, que traduzem o alto e vehemente protesto contra as arbitrariedades e violencias inauditas que contra mim acabam de praticar as autóridades de S. Paulo.

Separam-me agora quasi 10 dias de viagem, pelo mar, da minha familia, dos meus conhecidos, dos homens do trabalho com os quaes e pelos quaes tenho deixado ahi a quasi totalidade das minhas energias, e não sei até onde terão chegado neste momento as insinuações e as calunias que contra mim terão lançado os interessados pela nossa má sorte; sei, porém, que a possibilidade de uma comunicação, ainda que momentanea, facilitava-me os meios para desfazer me da estupida e barbara agressão de que fui victima.

Intimado a comparecer á Central, no dia 22, pela manhã, por uma turma de secretas, que me disseram dever eu prestar informações ao sr. Virgilio do Nascimento, — estive ahi detido até ás 10 horas para ser removido ao Gabineie de Investigações da rua 7 de Abril. Submetido a interrogatorio por um dr. que não era o sr. Virgilio do Nascimento, depuz ahi claramente que não estava de acôrdo com o regimen actual da sociedade humana e que, aspirando a uma vida melhor, fazia propaganda da doutrina comunista.

Sem mais, passadas algumas horas, fomos atirados em carros fechados e levados para a estação do Norte. Digo fomos, porque em minha companhia estavam o Antonelli, o Damiani e mais uma turma de operarios santistas, entre os quaes se salientava o operario Manuel Perdigão, esfarrapado e doente.

Seguimos juntos para a capital da Republica, num carro fechado, tendo-nos acompanhado 24 praças de carabina embalada.

Havia motivo, sr. director, para sermos submetidos a tamanha arbitrariedade e violencia? Onde estão, nesse caso, os tribunaes, as leis, os juizes, as garantias pessoaes e constitucionaes?

Da casa de Detenção, no Rio, fomos levados ao caes, e ahi convidados a descer pelas escadarias para tomar assento numa lancha, na qual um cão policial ofereceu-me dinheiro em quantidade. Sr. director, repeli tamanha afronta á dignidade dos homens, respondendo-lhe que tinhamos necessidade do tostão ganho pelo trabalho e jamais das grossas cedulas da policia!

Sr. Director, como se interpretar essa tentativa da policia em querer distribuir dinheiro a mancheias?

A minha biografia já foi publicada nesse jornal e julgo que do direito, que me pertence, pela minha longa residencia nesse paiz, assim como dos quatros filhos nascidos ahi, legitimados e registados, ninguem deverá pôr em duvida.

Sei que, sem o meu esforço, a familia submeter-se-á ao rigor da miseria e da fome; porém, tudo o que vier será para mim mais uma convicção para não transigir quando se tornar necessaria a minha ação onde quer que me encontre.

No Rio, o operario Perdigão foi introduzido na enfermaria, tal era o seu estado de doença e privado de um tostão e das roupas para cobrir o corpo.

Sr. director, termino e peço-lhe o obsequio para que seja publicada a presente para que mais tarde não se diga que os deportados taes eram individuos arruaceiros, caftens e vagabundos.

Diante dos factos não ha argumento; ninguem poderá negar-me a dedicação continua, ininterrupta, ao trabalho, no decorrer de 24 anos que residi nessa terra, na qual desconheci tambem até este momento os rigores de uma hora de prisão.

Quero por ultimo que as autoridades e o povo digam o que será feito da minha familia.

Agradecendo, sr. director, subscrevo-me de v. s. atmo.

Alessandro Zanella.

Porto de Dakar, 31-10-1919».

No proximo numero publicaremos outra carta, de Silvio Antonelli, enviada de Dakar e já estampada no *Fanfulla*, de S. Paulo.

De Pariz

Um dos correspondentes da United Press em Pariz manda dizer para cá que os aliados vão (mais uma vez!) definir a sua atitude politica com a Russia.

Segundo esse correspondente, os corvos, os tigres e as raposas da diplomacia plutocratica esperam para breve a quéda do bolchevismo e o consequente estabelecimento, em Moscou, ou Petrogrado, de um novo governo de ordem e... pirataria burgueza.

Adianta ainda o informante telegrafico que é de secundaria importancia, para os aliados, a fórma do novo governo. Eles preferem, no entanto, uma democracia parlamentar e... monarquica.

Belos desejos, não ha duvida!

Mas dos desejos á realidade a distancia nem sempre é muito proxima.

E esta de suporem os aliados para breves dias a quéda do sovietismo — esta é de primeirissima! Que o digam os costados de Yudenitch, de Koltchak, de Denikine...

E não morreu...

Quando foi a Londres, ultimamente, confabular com o seu parceiro britanico, Lloyd George, o Sr. Clemenceau levou um solene tombo, a bordo do vapor em que viajava, e quebrou uma costela.

Mas o tigre é rijo e apezar dos seus oitenta e tantos anos resistiu galhardamente ao ferimento. E' isso mesmo. vaso ruim custa a quebrar.

Aliás Clemenceau, mesmo vivo, resuma a coisa morta. A sua obra é essencialmente uma obra sinistra de morte. Ele tem mesmo a mascara de um morto.

Raios o partam!

Pode dizer-se que o homem é um ser tanto mais sociavel quanto mais civilizado. — W. OSTWALD.

Descanço semanal

A associação de classe dos padeiros renova a sua velha agitação em pról do descanço semanal.

E' uma antiga e justissima aspiração, esta dos trabalhadores em padarias, victimas das mais sacrificadas pelo actual sistema burguez de trabalho.

Varias e repetidas tentativas hão sido feitas pela associação de classe, algumas delas pelo caminho violento da gréve, porém nada, ou pouco menos que nada foi conseguido até hoje.

Animados entretanto de rara tenacidade e de irreductivel energia, os padeiros não afrouxam e sempre que se lhes depara oportunidade, renovam, por este ou aquele meio julgado mais adequado no momento, as suas pretenções junto ao carrancismo retrogrado e estupido dos patrões.

Vencerão agora os padeiros? E' o que esperamos e desejamos. Sejam firmes e mantenham se cohesos na associação, decidos a vencer, custe o que custar — e vencerão.

A victoria sempre sorriu aos mais fortes pela energia e pela tenacidade...

"O Grito Operario"

Apareceu em S. Paulo mais um periodico dedicado aos interesses do proletariado — «O Grito Operario».

Orgam da Liga Operaria da Construção Civil, a nova folha libertaria vale por uma inequivoca demonstração de pujança e vigor.

Vida longa e batalhas victoriosas.

Sobre a situação economica da Russia dos Soviets

PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Declarações de Ricof

Ricof, presidente do Conselho Superior de Economia Popular, concedeu a um jornalista de Moscou uma interview sobre alguns problemas economicos defrontados pelo bolchevismo, a qual foi ha pouco divulgada em França, pelo vespertino Longuet, «le Populaire». Publicamol-a seguir. Verão os nossos leitores que Ricof não dissimula os aspectos tristes da situação.

O problema do combustivel

As questões mais importantes da nossa vida economica são actualmente as questões do combustivel, dos transportes e da alimentação, devido principalmente ao estarmos em estado de guerra civil em quatro frentes diversas. Uma economia maior na utilização das nossas reservas de combustivel, um energico trabalho na provisão de madeiras, a utilização dum numero tão grande quanto possivel de forças e organizações, empregadas nesse trabalho, auxiliar-nos-ão a vencer a crise do combustivel. O trabalho nesse sentido, tão importante actualmente, deve ser emprehendido com a mais extrema energia.

Os districtos da região média do Volga, onde a crise alimentar é menos aguda, têm uma tarefa particularmente importante e executar. Eles não devem limitar-se ao abastecimento proprio, mas produzir uma grande quantidade de combustivel para as necessidades dos transportes e do perimetro industrial central. A população das cidades, os fugitivos e os prisioneiros de guerra devem ser empregados na exploração das riquezas florestaes. Ha especies vegetaes de combustivel, muito conhecidas pelos habitantes do territorio do Volga, cuja preparação deve ser encorajada por todos os meios pelos orgãos locaes do poder dos Soviets.

No decorrer do verão de 1919 devem ser abatidos cerca de 3 milhões de metros cubicos de madeiras, o que representa uma enorme tarefa. As necessidades anuaes da Russia dos Soviets se elevam a 14 milhões de metros cubicos. Os principaes consumidores de madeira combustivel devem ser os transportes e as grandes emprezas industriaes, cujo trabalho não pode ser suspenso sem prejuizo para o abastecimento de objectos de primeira necessidade á população.

Novas estações electricas

O Conselho Superior de Economia Popular entendeu que um dos meios de resolver a questão do combustivel consiste na construção de estações electricas poderosas, que serão alimentadas pela turfa dos brejos de Schatursk e pelo carvão da bacia carbonifera situada nos arredores de Moscou. A primeira estação deve ficar terminada no outono, pronta a funcionar neste inverno; a segunda estará terminada antes da primavera proxima.

Essas estações distribuirão energia e luz ás fabricas e usinas situadas num raio de 100 verstas.

A construção de usinas electricas nas margens dos rios Volkhov e Sivir demorarão mais tempo, mas quando elas estiverem terminadas, quasi resolvida estará a questão do combustivel no Norte.

Construiremos a seguir estações electricas da região pantanosa do districto de Nijni-Novgorod.

Tentámos resolver o problema do "chauffage" com o emprego do schisto: mas os resultados esperados não foram atingidos, porque o trabalho na região das grandes pedreiras de schistos — Peterhof e Yamburgo (districto de Petrogrado) — tornou-se impossivel por causa das operações militares que ahi se desenrolaram. Entretanto descobriram-se formidaveis jazidas de schisto na região do Volga (Kasan, Simbirsk, Samara), tomando-se logo medidas para explorar esses terrenos e as riquezas do solo ahi existentes.

O problema dos transportes

O problema dos transportes depende da questão do combustivel.

Durante a estação passada, trabalhou-se intensivamente na regularização e na simplificação dos transportes, das vias ferreas como das vias fluviaes.

Nesta materia nós temos realizado imensos progresos ultimamente. A falta de combustivel tem naturalmente reduzido o transporte de viajantes e de mercadorias. As ricas colheitas proximas demandarão grande intensidade no serviço de transportes, e por isso se torna absolutamente necessario assegurar ás nossas estradas de ferro o combustivel preciso. O bom estado das searas e a relativamente grande superficie de culturas não apenas na região do Volga, como em outras regiões, nos dão a certeza de que a crise alimentar estará vencido após a colheita.

As colheitas

Os mezes de julho e agosto serão os mais dificeis, porque até então terá a Russia que viver das colheitas passadas. Para que os governos da Russia dos Soviets possam dispôr de um minimo necessario de trigo, para os dois proximos mezes, é preciso armazenar de 8 a 10 milhões de Não é tarefa irrealizavel, porque as reservas de trigo ultrapassam de muito essas cifras. Temos que atacar o problema com a maior energia e enviar ás aldeias comissarios de agitação com esse fim.

Descuidámo-nos, o ano passado, de armazenar reservas de fructas e legumes. Isso não se repetirá este ano.

Os "ersatz"

A falta de chá, de café, e de outros generos coloniaes determinou o necessidade de substituir esses generos por succedaneos existentes na Russia. O Instituto de Viveres do Conselho Superior de Economia Popular descobriu uma serie de succedaneos que existem com abundancia nas regiões do centro e do Volga.

Os melhores "ersatz" para o café são as bolotas, mas até agora nem a população, nem as organizações de abastecimento se decidiram sériamente á colheita das bolotas. Como succedaneos do chá empregam-se algumas especies diversas.

O Conselho Superior de Economia Popular acolhe sempre as sugestões feitas neste sentido pelas organizações ou pela iniciativa particular.

Todas as outras questões da vida economica dependem da solução destes tres problemas: combustivel, transportes e viveres.

No que concerne á industria, nós podemos abastecel-a de materias primas ainda durante um ano. A industria do linho, da lã e do amido acha-se garantida por mais de um ano, o que tambem acontece em relação á distilação do alcool, que não é empregado sómente na quimica e na medicina, mas é tambem aplicado aos automoveis.

As victorias do nosso exercito vermelho na região do Ural nos dão a esperança de em breve podermos reunir-nos ao Turquestão, de onde nos vem o linho. Disso depende directamente o funcionamento das nossas fabricas texteis. A crise de combustivel não as afecta, pois que a turfa é de facil aplicação.

Actividade industrial

A fabricação de papel

O bureau central do papel dispunha, em agosto, de 73 fabricas nacionalizadas e 39 não nacionalizadas. As mais energicas medidas foram tomadas para aumentar a intensidade do trabalho, particularmente nas usinas libertadas de Viaka e Verkhoturiê. Consideraveis resultados foram obtidos na fabricação de papeis de diversas qualidades.

O chá artificial

Com a perda da Siberia, a Russia sovietista ficou privada do chá, producto de primeira necessidade para a população e o exercito. O Conselho Superior de Economia cuidou desde logo de organizar a fabricação de chás artificiaes. As enormes quantidades produzidas satisfizeram todas as necessidades. A produção aumentou, em menos de ano, para mais de quinze vezes. E continúa a aumentar. A este proposito escrevia Lomov na *Pravda*:

«Assim, em meio de uma luta gigantesca e apezar das inacreditaveis dificuldades ocasionaes, o proletariado não perde jamais as suas faculdades de creação e desenvolve com amor todo o trabalho que tenha possibilidade de desenvolvimento. Muitos factos semelhantes a este demonstram mais eloquentemente que todas as palavras, o poder do movimento operario. Um pouco mais de tempo e de tranquilidade exterior, e todas as nossas maquinas serão postas em ação. Acabemos com Koltchak e Denikine, e assegurado estará o desenvolvimento da nossa economia nacional sovietista».

A fabricação de automoveis

As fabricas reunidas de automoveis publicaram um quadro da sua productividade durante os mezes de janeiro a maio de 1919. Tomando-se por unidade de produção a montagem de um automovel, temos o quadro seguinte da productividade de cada fabrica:

	Unidades	Percentagem	Jornadas de trabalho por unidade
Janeiro	— 99	— 100 ⁰/₀	— 83
Fevereiro	— 179	— 180 ⁰/₀	— 45,5
Março	— 260	— 262 ⁰/₀	— 28,5
Abril	— 285	— 287 ⁰/₀	— 24,5
Maio	— 302	— 305 ⁰/₀	— 21,5

A productividade do trabalho quadruplicou quasi.

Aumento da produção

Desde o começo do verão se verificou, por toda a parte, um importante aumento da produção. Na região do Norte, os operarios, malgrado as dificeis condições de abastecimento, aumentaram a produção e ultrapassaram a productividade anterior á guerra. Por exemplo, nas fabricas de acumuladores Tudor, de 125 %; na fabrica de couros Ossipoff, de 118 %; na fabrica de calçados Skorochod, de 112 %.

A direção operaria das fabricas de tecidos de algodão do Norte nacionalizou e poz em actividade 12 fabricas, em julho. Em Moscou, 16 fabricas texteis recomeçaram o trabalho. Em todas estas fabricas, havia sido o trabalho suspenso durante a guerra, ou abandonado pelos capitalistas.

O assucar de amido

O Conselho Superior de Economia Popular tentou, pela primeira véz na Russia, a fabricação de assucar de amido. A 1º de junho 16 fabricas de assucar de amido foram organizadas e postas em actividade.

A experiencia tem mostrado que, onde o trabalhador isolado sucumbe, é victorioso o obreiro sindicado. — EVARISTO DE MORAES.

Espada e balança

Alberto de Assumpção e Haroldo Cross são os nomes de dois individuos de Santos que andam agora ás voltas com a justiça paulistana, como protagonistas duma polpuda pirataria em torno de compras e vendas de café. Ambos pertencem ao alto comercio, honrados negociantes da praça. Mas deram um golpe em falso e a negociata engatilhada falhou. E agora — policia e tribunaes...

O caso é conhecido: ha mais de uma semana que os jornaes andam com as colunas cheias dele.

O melhor porém do caso está no seguinte: Cross e Assumpção obtiveram ordem de habeas-corpus e estão em liberdade, correndo o processo, não ha duvida, mas em liberdade os meliantes.

Não é impunemente que ambos são possuidores de centenas de contos de réis... E não é atôa que a Justiça tem uma espada e uma balança, simbolos de violencia e venalidade.

Grandes financeiros!

O caso parlamentar mais sensacional dos ultimos dias foi, sem duvida, o discurso do Sr. Paulo de Frontin, na Camara.

O relator da Receita, Sr. Antonio Carlos, havia conseguido em seu parecer, com um malabarismo de cifras digno do mais manhoso dos mineiros, eliminar o deficit apavorante de 158 mil contos, transmudando-o num opulento saldo de.......... 6:980$000. Era um assombro. Um saldo!

Pois o Sr. Paulo de Frontin, engenheiro, entendeu de verificar as contas feitas pelo Sr. Antonio Carlos. Esmiuçou tudo, confrontou, somou de novo, fez a prova dos nove e a prova real — e concluiu: as contas do Sr. Antonio Carlos estavam erradas. Havia no parecer do relator erros de copia, erros de adição e erros de subtração. E o famoso superavit de............ 6:980$000 evaporou-se para dar lugar a um deficit de............ 39.539:000$000.

Deficit, no fim de contas, muito aquem da realidade. As autorizações e emendas da cauda do orçamento fal-o-ão crescer de muito ainda...

Que grandes financeiros os financeiros da Republica!

Uma palestra com Rozendo dos Santos

Encontrámo-nos ha dias, na Avenida. Entrámos num café. Rozendo dos Santos estava abatido, doente. Mais de um mez afastado do trabalho pela molestia... adquirida no proprio trabalho! Trinta anos de esforço e de fadiga junto á caixa de tipos e ao linotipo, de dia e de noite, em salas acanhadas, sem ar, nem luz suficientes... E ao fim dos trinta anos, é claro — o corpo combalido, minado pelo chumbo implacavel. Si Rozendo fosse funcionario publico, civil ou militar, tendo passado todo esse tempo na estafante suavidade de um ministerio ou do comando de uma unidade na caserna, percebendo pingues vencimentos sem nada ter produzido de util para si nem para a colectividade —então, sim, uma rendosa aposentadoria viria garantir-lhe um repouso reconstituinte e a segurança do pão para o resto da vida. Mas, operario de um duro labor, fatigado e doente, —para esse não existe aposentadoria, nem repouso, nem descanço. O pão para a boca terá que arrancal-o ainda da mesma maquina envenenadora... Rozendo, victima do trabalho ininterrupto de trinta e tantos anos, ia á procura de mais trabalho!

Mas a mesma energia moral de sempre animava-o ainda. O militante esforçado e intemerato, a cujo lado vivi horas intensas de luta e de propaganda — lembras-te, Rozendo, daqueles tempos febris de entusiasmo, da segunda C. O. B., do Terceiro Congresso, da *Voz do Trabalhador*?—era o mesmo homem integro e indomavel, esquecendo os motivos pessoaes de revolta contra a infamia do trabalho burguez para revoltar-se contra a geral infamia burgueza das perseguições, das calunias, das cadeias, das deportações... E ele me falava, comunicando-me a sua indignação:

—Era meu proposito escrever para *Spártacus* o que quer que fosse para exprimir o meu protesto... Mas não posso, na situação de saude em que estou. Inscreva você meu nome em todas as manifestações que fizerem. Estou de pleno acôrdo com o manifesto de 23 de setembro. Faço questão que isso se torne publico. Eu, brazileiro, trabalhador a vida inteira, não reconheço aos parasitas e patifes, que nos governam, o direito de as saltar associações, de estrangular jornaes libertarios, de expulsar honrados operarios estrangeiros, aos quaes deve o Brazil infinitamente mais que a essa corja de piratas da oligarquia republicana e plutocratica... Que conste o meu protesto indignado!

...A' despedida, com um cordeal aperto de mão, eu sentia mais força e mais impeto na minha fibra batalhadora, estimulada e confortada com o contacto daquele exemplo de dignidade proletaria.—*A. P.*

Vulcão?

De uns tempos a esta parte vêm os jornaes registrando abalos de terra e outros movimentos scismicos, no interior do Brazil.

Agora falam as gazetas em vulcão na serra Concebida, no municipio de Viçosa, Minas. Verdade ou mentira? Parece até que o vulcão escolheu a serra Concebida para mostrar que a existencia de vulcões no Brazil não é uma coisa inconcebivel...

Pena é que esse pilherico vulcão não se tenha lembrado de irromper a sua furia de fogo ali pelas bandas do Flamengo, entre a praia, a rua do Catete, a rua Silveira Martins e a rua Corrêa Dutra...

Micelli continúa preso!

Como a policia respeita os dispositivos da lei

O nosso camarada Micelli, preso ha cerca de um mez, para ser expulso, continúa trancafiado.

Não sabemos porque, não o deportaram até hoje. Mas, contra todas as leis, é ele mantido em custodia pela policia.

E' o cumulo da desfaçatez!

E como quer a policia que a gente respeite a lei, quando é ela, supostamente creada (e custeada pelo povo) para garantia e defeza da lei, a primeira a desrespeital-a?

MENTE!

Em entrevista concedida á *Tribuna* a semana passada, numa «sensacional» reportagem a respeito da deportação de anarquistas, o 3º delegado auxiliar, bacharel Nascimento Silva, repisou, mais uma vez, com tranquila convicção, o aleive predilecto: que os anarquistas, os expulsos e os que ainda cá ficaram, estrangeiros ou brazileiros, são elementos exploradores do operariado, gente que não trabalha e que vive estipendiada pelas associações operarias...

O bacharel Nascimento Silva, 3º delegado auxiliar, mente conscientemente, porque ele sabe que os anarquistas vivem todos só do seu trabalho e nenhum — absolutamente nenhum!—recebe estipendios quaesquer de qualquer associação ou de quem quer que seja. De resto, nas suas notas á imprensa, por ocasião das expulsões, o delegado bacharel Nascimento sempre declarou a profissão de cada um dos expulsos.

Mente, pois, quando afirma o contrario. E mente com o intuito aleivoso de caluniar-nos e indispor-nos perante a opinião publica. Mas engana-se redondamente, si supõe esmagar-nos com isso. Não ha força, nem mentira, nem calunia que nos vença. A hora é nossa, comnosco está a verdade— e a verdade acaba sempre por triunfar!

Ganhar mais ou ganhar menos, trabalhar muito ou trabalhar pouco, nada disso resolve o meu problema. O que eu quero é produzir quanto puder para consumir quanto quizer. — DEMOFILO.

Tragedia conjugal

Ha dias uma nova e velha tragedia conjugal abalou os nervos dos leitores das noticias policiaes genero grande sensação. Um caso banal, á força de repetido: um marido que sorprehende a esposa em flagrante de adulterio e despeja as balas do seu revólver sobre o seductor e sobre a esposa, matando aquele e ferindo esta gravemente, recolhendo-se por fim á cadeia, convencido de ter lavado a honra do seu lar enxovalhado.

Um lar desfeito, um cadaver, um assassino... e continúa o mundo a rolar, com casamentos e adulterios, assassinios e desgraças.

Ora, a trajedia não resolveu a situação. Peorou. E realmente, com a moral do tempo, o adulterio é um problema sem solução.

Só numa sociedade em que a familia se constitúa sobre a base unica da afeição mutua, sem dependencias economicas ou preconceituosas de um dos conjuges para o outro nem de ambos para quem quer que seja, desaparecerá o adulterio. A' união livre, por isso mesmo que será livre, corresponderá a livre desunião. Concretizando: um casal se une, e constitue familia. Dois, trez, cinco, dez, quinze anos passados, atenua-se o amor, a afeição existente entre ambos. E' facilimo de resolver-se o caso: assim como se uniram, livremente, assim se desunirão, livremente. E cada um, si tem outro amor, que se vá unir novamente por esse outro amor. A traição conjugal e consequentemente a tragedia não terão razão de ser. Isto, de resto, é em parte materia já vencida mesmo no regimen juridico actual: o divorcio não tem outra significação.

E os filhos? E' o ponto melindroso. Mas não é infinitamente menos melindroso um filho com paes separados amigavelmente do que separados pelo assassinio, pelo sangue?

Este é assunto para longa dissertação, que não cabe aqui. Fique, porém, o nosso comentario sereno, como um protesto contra a sangueira burgueza, jornalistica e imbecil das tragedias conjugaes.

Administração

N. 20

ENTRADAS

Nós	24$000
Venda de folhetos	1$000
Lista 70	7$300
H. de Araujo (Campinas)	7$000
A. Ilgenfritz	10$000
A. Iglezias	10$000
Alfredo Martins	4$000
Azevedo (pacotes)	13$000
Um amigo do jornal	20$000
V. Gonzalez	50$000
F. Gándara	5$000
Um sapateiro	20$000
Colin	5$000
S. A.	2$000
Leilão no dia 14	36$000
Venda avulsa	107$700
Saldo do n. 19	495$700
Total	817$700

SAHIDAS

Composição e impressão	400$000
Selos	21$200
Papel de embrulho	$900
Passagens	10$000
Carreto	8$000
Concerto do cabeçalho	5$000
Redação	28$000
Administração	35$000
Total	508$100

RESUMO

Entradas	817$700
Sahidas	508$100
Saldo	309$600

NOTA— No balanço publicado no n. 18 sahiu: J. M. 10$000—quando deve ser: Venancio Moreira, 10$000.

Com a policia e as prisões, para atormentar e escravizar as classes trabalhadoras e a chusma dos sem trabalho, tão comodas e até tão indispensaveis ao capitalista, com o exercito e o serviço militar, e os canhões para ceifar o povo, os governos modernos só podem alimentar a violencia.—CARPENTER.

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

***

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

***

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

***

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

***

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*

Brochuras de propaganda

O que é o maximismo ou bolchevismo—Programa comunista — por Helio Negro e Edgard Leuenroth—um belo volume de 128 paginas. $500

No Café—por Errico Malatesta. $400

Dictadura policial—por Astrojildo Pereira. $200

Luta sindicalista revolucionaria—Meios e finalidade — por Carlos Dias — um volume de 104 paginas. $600

Apontamentos de um burguez — por Salomão. $400

Da Religião á Anarquia — por Manoel J. Silveira. $200

Vendem-se nesta redação

Divulgai "Spártacus"!